

Intervenção do Presidente da Associação Conquistas da Revolução, CMDT Manuel Begonha, nas comemorações dos 40 anos do 25 de Abril

Após 48 anos de fascismo, 14 de Guerras Coloniais, 32% de analfabetos, 10% da população emigrada e milhares de mortos e inválidos de Guerra. Após termos índices sanitários dos mais baixos da Europa, problemas dramáticos na habitação e economia desastrosa.

Com o prestígio internacional nulo. Repressão. Censura. Corrupção.

Foi neste clima de tragédia que na madrugada de 25 de Abril o MFA e o Povo iniciaram a árdua caminhada para a construção da sociedade Socialista em Portugal.

Assim, escreveu Ramiro Correia no 1º aniversário do 25 de Abril.

Levantou-se então uma força revolucionária imparável que percorreu toda a sociedade portuguesa, conduzida essencialmente pelos trabalhadores e que juntamente com o MFA se propôs dar imediata execução aos "3 D" do programa do MFA, DESCOLONIZAR, DEMOCRATIZAR, DESENVOLVER.

Como em todas as épocas singulares da história dos povos, surgiu um homem o General Vasco Gonçalves que nos quatro governos provisórios a que presidiu e apesar das dificuldades e obstáculos próprios destes processos transformadores, colocados pelos movimentos contra-revolucionários nacionais e internacionais, foi capaz de responder às necessidades mais prementes da população, combatendo e identificando as injustiças sociais mais flagrantes provenientes do regime fascista e assim lançando os alicerces para a construção de uma sociedade nova.

Tal objectivo foi conseguido mantendo a economia a funcionar, melhorando mesmo os indicadores económicos, como aliás foi reconhecido por uma delegação do FMI que à época esteve em Portugal.

Viveu-se um momento da nossa história, no qual quem mais ordenou foi o Povo, estando o poder também com o Povo.

Foi este o período mais criativo e transformador da nossa revolução. Dele decorrem os avanços nas fábricas, nos campos, nos serviços, os trabalhadores organizam-se tomam o controlo da produção e defendem-se das tentativas de sabotagem dos patrões; avança a gestão democrática nas escolas e nos movimentos de rendeiros e assalariados rurais preparam a Reforma Agrária.

Sucedem-se então as grandes acções revolucionárias que constituíram as Conquistas da Revolução. De entre tantas outras destacam-se:

- o direito à habitação para todos,
- o direito à educação para todos,
- o direito á saúde, universal e gratuita,
- o direito á greve e ao lock-out,
- o direito á licença de 90 dias no período de maternidade,
- o salário mínimo e pensão social,
- o subsídio de desemprego,
- o subsídio de férias,
- o subsídio de natal a pensionistas,
- as nacionalizações,
- o controlo da produção pelos trabalhadores,
- a reforma agrária,
- o poder local democrático,
- a Constituição da República - que após 7 revisões continua a ser o garante da democracia e o baluarte para a defesa das conquistas da revolução que ainda restam.

No entanto, um País nestas condições era inaceitável e perigoso para o capital internacional que de imediato desencandeou uma gigantesca ofensiva contra este Portugal, fortemente apoiada pelas forças reaccionárias internas. Todos se lembram da estratégia do expoente máximo das actividades contra revolucionárias, o embaixador americano Frank Carlucci.

Não seria portanto previsível que após 40 anos sobre o 25 de Abril, estivessemos hoje a comemorar esta data que foi de grande exaltação e alegria, sombreada pela raiva, indignação e amargura.

Porquê? Porque querem pôr atrás das grades o 25 de Abril.

Querem prender o cravo da dignidade e da esperança.

Estamos a criar um País cada vez com mais pobres e com menos jovens quer porque são empurrados para a emigração, quer porque os casais não têm condições materiais nem estabilidade para terem filhos.

Aumenta a desigualdade na distribuição dos rendimentos.

O medo de perder o posto de trabalho, vai inibindo cada vez mais os trabalhadores de se exporem às mais diversas formas de luta dentro e fora das empresas, acreditando até por vezes, que nada se pode fazer, quando pelo contrário tudo se conquista lutando para consolidar os seus legítimos direitos.

A comunicação social procura muitas vezes estimular a noção de inevitabilidade das medidas em curso pelo governo, alimentando assim o pessimismo e o conformismo.

A mensagem é que não há alternativa para a austeridade e que as lutas populares são inúteis, agravando até a crise.

A verdade é que os mais cruelmente sacrificados pela austeridade e suas principais vítimas são os que não têm emprego, e não se vê um desenvolvimento da economia que possa melhorar esta situação, em virtude da falta de investimento.

Por outro lado, a coligação no poder continua a veicular um cenário optimista, sobre a dimensão da nossa dívida pública, que a não ser reestruturada, se vai tentando concretizar à custa de uma insuportável carga sobre o poder de compra dos portugueses, do desemprego, da redução de salários, da destruição da economia, da emigração, do desprezo pela cultura, e da redução da prestação dos serviços de saúde, em claro prejuízo dos mais velhos, que por serem mais frágeis financeiramente, não têm alternativa.

Hoje em dia, o governo não tem um compromisso com o povo português, baseado na confiança e na credibilidade; sucedem-se as humilhações ao país com a patética subserviência à Alemanha e os atentados à soberania nacional, com o apoio empenhado do Presidente da República, que não consegue cumprir o papel de defensor da Constituição, prisioneiro que está das suas inseguranças e contradições.

Parecem estar apenas à espera de um novo ciclo histórico que traga outros ventos para a Europa, enquanto o país se vai degradando. São um corpo estranho a Portugal estando ao serviço do capital financeiro global.

Hoje estão-nos a retirar a vida pelas mãos de uma Europa vingativa que nos quer fazer expiar pelo crime de termos um importante legado que são as conquistas da revolução e políticas que foram conseguidas durante a Revolução.

Para seguir os seus desígnios essa Europa encontrou um governo que se rege pelo total desrespeito pela Constituição da República e pelo povo português. Partidários da austeridade destroem a economia. Coniventes com a corrupção e com o grande capital financeiro, não se regem por uma justiça independente.

Amigos da opacidade escondem os seus objectivos e a forma como os atingim, simulando não ter rumo.

Este governo tenta impôr um clima de medo e de incerteza para mais facilmente impor a violência das suas medidas, prioritariamente sobre os mais desprotegidos, os funcionários públicos, os pensionistas e os reformados. A sua óptica de reforma do Estado, passando por cima dos desempregados e dos jovens, não é mais de que o desmantelar do Estado Social. Este deverá então ser substituído pela prática da caridade.

Este é um tempo de SOLIDARIEDADE, a exigência será enorme para ajudar a superar as diferenças que se estão a verificar que têm um enorme potencial destabilizador. Pode atirar pobres contra pobres, velhos contra novos. Estudantes contra trabalhadores, homens contra mulheres. Porquê? Porque haverá os que têm subsídios e outros não; os que têm emprego e outros não; os que têm acesso à saúde e outros não; os que podem estudar e outros não; os que têm casas dignas e outros não. E no entanto poderão ser todos trabalhadores empobrecidos.

Ocorre-me uma citação de John Donne: Aflige-me a morte de qualquer ser humano porque sou parte da humanidade. E por isso nunca perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti."

Há que pôr um fim a tamanho conjunto de injustiças. Não queremos que os sinos doam sobre as conquistas da Revolução.

Há que preparar uma mudança. É preciso construir os alicerces da mudança. Não é aceitável que um conjunto de políticos gananciosos e sem sentido humano, nos pretendam humilhar, transformando o nosso povo numa mera bolsa de desempregados para construir um mercado onde os empresários iriam contratar trabalhadores a baixo custo e em condições de trabalho degradantes, para assim fazerem triunfar os seus desígnios.

Contudo, não devemos procurar rever-nos excessivamente nas conquistas do passado. Há que proceder a uma reflexão sobre o nosso futuro estudando as transformações que vêm ocorrendo na sociedade e em toda a humanidade. Temos de despertar a consciência para definir e construir o futuro. Os tempos mudam e nós mudamos com eles.

Temos pela frente a luta pela independência nacional que é indissociável da luta contra os privilégios da classe dominante, uma vez que esta para conservar as suas posições está disposta a partilhar a soberania nacional com o capitalismo internacional.

Mesmo que os resultados desta luta pareçam ser insignificantes é no entanto indispensável para a preparação das lutas que se seguirão. É um projecto que exige tempo, mas que não é inalcançável, desde que se tenha bem presente as memórias das lutas passadas.

É certo que as condições actuais são diferentes, mas não seremos os mesmos homens e mulheres, agora reforçados por uma juventude tão maltratada, que se ergueram contra a opressão, numa época da história de um povo então despolitizado, semi-analfabeto, sem a

experiência que um combate longo e duro teria fermentado e que nos levou ás Conquistas da Revolução?

Não há alternativa: ou assumimos uma atitude passiva e alienamos o que resta das Conquistas de Abril, ou combatemos por elas.

Se não o fizermos, bastamo-nos a nós mesmos para nos derrotarmos.

Só lutando venceremos honrando o dia que hoje estamos a comemorar.

Vamos continuar a resistir avançando, quando por vezes o desistir parece ser o mais fácil.

Para nós nunca haverá desistência, o conformismo e o abandono dos ideais de Abril, mas haverá sim uma caminhada vitoriosa para um País novo e um mundo melhor.

VIVA O 25 DE ABRIL!

VIVA PORTUGAL!

25 DE ABRIL SEMPRE!